

Muitos jovens, 3 mil obras e pouca novidade: eis a BIENAL

Ivo Zanini

O BRASIL EM QUATRO PARTES

O setor nacional está dividido em quatro partes: a sala geral, com obras dos 30 artistas selecionados no ano passado através da Pré-Bienal; as salas especiais de artistas premiados nas Bienais anteriores; um reservado para os que tomaram parte na Semana de Arte de 1922, e uma sala em homenagem póstuma a Samson Flexor, recentemente falecido, e que participou de várias Bienais.

Da sala geral, o trabalho — caixas de acrílico com papéis dobrados — talvez de maior destaque seja mesmo o de Paulo Roberto Leal, de 25 anos, que recebeu um dos prêmios "Bienal", de 2.500 dólares. Irati Nitsche comparece com grandes tapeçarias de sisal reproduzindo máquinas têxteis e mecânicas; realizações de fôlego e extremo labor manual. A série de Humberto Spindola sobre a "bovinocultura" também aparece com destaque. Esse artista de Mato Grosso, de 23 anos, há anos relaciona toda a sua obra ao boi.

Em matéria de plásticos, os votos (e um prêmio) foram para a paulista Marcia Demange, que constrói sugestivas formas com material em vermelho. Os receptáculos de areia, do baiano Mário Cravo Neto, de 24 anos, mostram a sensibilidade desse artista em potencial.

As salas especiais são retrospectivas dos artistas convidados: Manabu Mabe, Danilo Di Prete, Iolanda Mohalyi, Flávio de Carvalho, Isabel Pons, Felicia Leirner, Aldemir Martins, Wladislaw Wega e outros. Entre eles, o mais engenhoso é Di Prete, com seus quadros-objetos em movimento. Além do dinamismo das cores e formas que se vão compondo no giro do aparelho interno ao quadro, produzem sons próprios ao clima cósmico, que são os temas dos trabalhos do artista. Com isso, ganhou um prêmio especial. Aliás, Di Prete foi o ganhador da I Bienal e nu-

ma das últimas recebeu também o prêmio pelas pesquisas que lhe garantiram agora a nova laurea.

NOS DEBATES, O FUTURO DA ARTE

Logo depois de inaugurada, houve uma mesa-redonda na própria Bienal. Os críticos estrangeiros e brasileiros debateram na ocasião e nos três dias seguintes vários aspectos do certame do Ibirapuera.

Para alguns, é necessária uma reformulação da Bienal, a fim de que, com sua revitalização, atinja um público maior. O crítico Cerni, da Espanha, assim como o argentino Glusberg, opinaram que a própria mesa-redonda não podia chegar a resultados mais positivos porque inexistiam nas reuniões críticos e artistas jovens. Glusberg afirmou mesmo que a atual Bienal estava vários anos atrasada. Como prova citou o prêmio especial de 20 mil cruzeiros dado ao pintor italiano Capogrossi, que merecia haver ganhado a laurea quando figurou no certame 15 anos atrás. Lamentou, ainda, que o júri houvesse esquecido, ou não tomado conhecimento, da representação inglesa, distribuindo prêmios a países mal organizados artisticamente.

Em compensação, Ignácio Pirvano, Rubem Vela e Rafael Squiri, críticos da Argentina, redigiram um manifesto de apoio à Bienal e sua direção. Outros estavam de acordo, mas achavam que os prêmios deveriam ser suprimidos, a fim de impedir disputas entre os membros do júri em favor deste ou daquele país. O júri é integrado por 8 estrangeiros e um único brasileiro. Prevaleceu, contudo, a ponderação do crítico Ion Frutzeff, da Romênia, pela manutenção dos prêmios e critérios adotados e em execução até aqui.

Depois dos debates sobre "Reformulações das Bienais com vistas à sua Atualização", houve outro encontro para discutir "Arte e Comunicação".

Ryszard Stanislawski, da Polônia, defendeu o princípio de que

era necessário, antes de ser discutida a existência ou não de crise nas Bienais, analisar a arte em si. Para ele, se a arte está em crise, as Bienais também estão. "Sou de opinião — salientou — que é preciso primeiro estudar a teoria para depois entrar na prática".

Antônio Bento, Vilem Flusser e outros críticos e estudiosos brasileiros focalizaram a comunicação como vital para tentar a popularização das artes em nosso país. Daí a importância da televisão, das revistas, jornais, etc., na cobertura dos acontecimentos artísticos.

Os debates e as exposições foram longos e a secretaria da Bienal providenciou a feitura de um resumo geral do apresentado que vale por um ensaio genérico sobre as falhas e os pontos positivos, o que deve permanecer e o que deve mudar, o que precisa ser modificado e o que não pode sofrer continuidade na Bienal de São Paulo, considerada a maior mostra de arte visual das Américas e uma das mais importantes do mundo.

COMO VOCÊ PODE VÊ-LA

A XI Bienal ficará aberta ao público no Parque do Ibirapuera até o último dia de novembro, das 15 às 22 horas. Nesses três meses de duração está prevista uma visitação de 150 mil pessoas, sobretudo estudantes e colegiais, que terão ingresso livre quando em grupos e orientados por professores. As quartas-feiras a entrada é gratuita. Nos demais dias — exceto às segundas-feiras, quando fecha — o ingresso custa 3 cruzeiros. Quase todas as obras expostas estão à venda, com financiamento bancário.

Mais de 3 mil obras de 57 países, espalhadas em 36 mil metros quadrados, custou de quase 2 milhões de cruzeiros para sua realização e os jovens formando a maioria dos visitantes — esse um panorama da XI Bienal de São Paulo, inaugurada no último dia 4, no parque Ibirapuera, e funcionando até fins de novembro.

Ao contrário dos certames anteriores, quando era grande o número de objetos e construções cinéticas, que apresentavam movimento ou que o visitante podia tocar e movimentar, nesta predominam as obras estáticas. Quadros e esculturas mostram um pouco de inovação e muito de repetição. De certa forma, a nossa Bienal corre o risco semelhante ao da Bienal de Veneza: o desaparecimento lento por falta de maior motivação para o público.

Não foi outra a razão do simpósio de críticos realizado durante três dias no certame de São Paulo, mas onde, ao fim de muitos pontos de vista e debates, poucas luzes surgiram para clarear os problemas que se avolumam a cada biênio.

Apesar do quadro pouco favorável, a direção da Bienal paulista confia na sua revitalização. A tal ponto que já está mantendo os primeiros entendimentos com representações diplomáticas e culturais de diversos países para a realização da XII Bienal.

GUERRA, VIOLÊNCIA, CARNEIROS E PREGOS

A violência, a condenação às guerras, as prisões — são alguns dos temas dos quadros-esculturas-relevos do espanhol Rafael Canogar, que conquistou o principal prêmio (10 mil dólares) da atual Bienal.

Curiosamente, quase defronte do pavilhão da Espanha, está a sala da França, onde estão ex-

postos 30 dóceis carneiros. Seu autor, Claude Lellane, reproduziu-os requintadamente, como se o fossem de carne e osso. Não falta nem a pele original do carneiro. A simbologia do autor é dirigida aos povos e às situações conformistas, segundo ele próprio explica.

Quem explora também a temática dos animais é o suíço Heiner Kiehholz, de 29 anos. Em gigantescas telas, mostra o cão de raça dinamarquês e todas as suas manchas características em volta em outra, apenas as manchas. Outro suíço, Christian Rathacher, apresenta toras de madeira cortadas em posições verticais ou horizontais, em parte cobertas por aço cromado. Ele diz que é para encobrir as feridas da madeira.

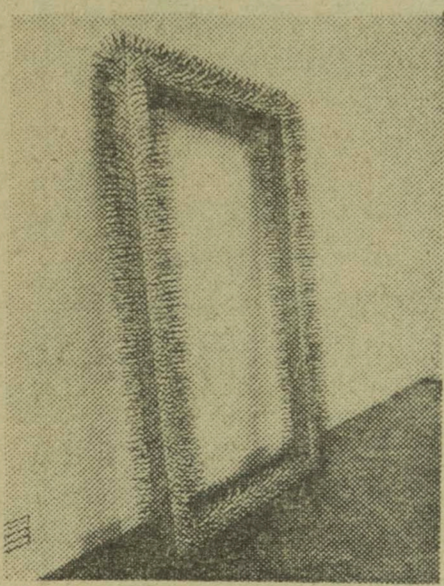
No pavilhão da Alemanha, uma aplicação maciça de pregos de variadas espessuras. São milhares e milhares sobre madeira ou tecido. São obras de Gunther Vecker, também premiado; um dos seus trabalhos mais atraentes, porque em evoluções o tempo todo, é "Dançarino". São pregos de grandes dimensões enfiados em tecido-saco que, em movimentação, produzem sons alegres.

Bonecos gigantescos de madeira, coloridos e todos com expressão de espanto, estão na sala da Argentina. É do premiado Libero Badii, de 55 anos. Quem mais gosta desses trabalhos são as crianças, que descobrem Pinóquios em todos eles.

Um certo mal-estar atinge os que visitam o pavilhão da Bélgica, quando enfrentam os objetos de Hans Persoons. Ele reduz tudo a ossários, aplicando em seu interior pequeninas bonecas dilaceradas: os corpos "operados" mostram visceras e sangue. Segundo o artista, seu trabalho nada mais expressa do que a crueldade do homem. Na mesma sala estão figuras alegres e descontraídas, além de gaiolas com pássaros amarelos de verdade, de Roger Raveel.



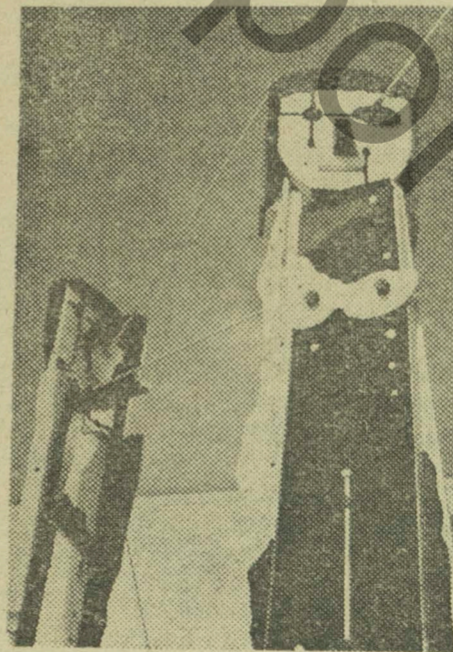
Uma das obras de Canogar, o grande premiado da Bienal



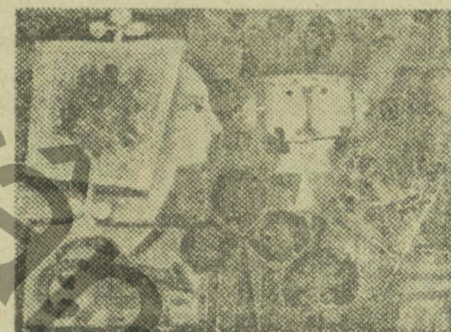
Tudo é à base de prego nos trabalhos do alemão Gunther Vecker



O colombiano Omar Rayo apresenta obras ótico-geométricas em sala especial



Um dos bonecos robotizados do argentino Libero Badii



Gravura de Mersad Berber, da Iugoslávia: é quem mais está vendendo na Bienal